

CRESCENDO ENTRE LIVROS DE AVENTURAS

Paula Morão

- ▶ *Um rapaz às direitas*, Odete de Saint-Maurice
- ▶ *Os Cinco*, Enid Blyton
- ▶ Tudo da Condessa de Ségur
- ▶ *O pequeno Lord*, Frances Burnett
- ▶ *Mulherzinhas*, Louise May Alcott
- ▶ *História de dona Redonda e sua gente*, Virgínia de Castro e Almeida
- ▶ Tintin, Hergé
- ▶ Astérix, Goscinny e Uderzo
- ▶ Romances de aventuras de Walter Scott
- ▶ *A túnica*, Lloyd Douglas

Ovão de certa janela ou aquela oliveira na quinta da avó Maria José eram os lugares nos quais eu mais gostava de ficar sossegada a ler quando era pequena, no tempo em que havia férias grandes mesmo grandes, antes da televisão, e quando as crianças iam para a cama em tempo de aulas ao 'pi' da Emissora Nacional, que implacavelmente soava às 9 da noite. Essa era a mesma (e única) estação que tinha o programa imperdível «Meia-hora de recreio», de Maria Madalena Patacho; aí ouvíamos, sem falhar um episódio, as adaptações radiofónicas de livros que já tínhamos lido: os de Odete de Saint-Maurice (*Um rapaz às direitas*, *Sou uma rapariga do liceu*, *Férias grandes*, *Quinta de São Boaventura*), e a colecção d'*Os Cinco*, de Enid Blyton (lidos em primeira edição portuguesa, à medida que saíam) – eu queria ser a Zé, Maria Rapaz (cuspindo caroços de cereja em disputa com o ciganito), e comer scones e sanduíches com tomate e pepino, e ir com os irmãos e os primos para a ilha de Kirrin, sem adultos a tomar conta!! Ó sonho, ó maravilha (como escreveu o António Nobre, que eu só li muito mais tarde)! Li também, claro está, toda a Condessa de Ségur, e muitos outros livros da colecção azul – de Frances Burnett, *O pequeno Lord* e *A princesinha*, as *Mulherzinhas* de Louise May Alcott (Jo, a independente, que queria ser escritora!) e, em adaptações de Adolfo Simões Müller, a *Odisseia* (com um Polifemo na capa, se bem me lembro), a *Peregrinação* de F. Mendes Pinto, *Os Lusíadas* e *As viagens de Marco Pólo*; mais *Os cavaleiros da Távola*

Redonda, adaptação de Odete de Saint-Maurice, depois *Artur, rei da Bretanha e os cavaleiros da Távola Redonda*, tradução de Artur Lambert da Fonseca. Havia ainda os livros de Virgínia de Castro e Almeida editados nos anos 50, sobretudo *Céu aberto*, *Em pleno azul* e a maravilhosa *História de dona Redonda e sua gente* (eu usava tranças, e os meus irmãos chamavam-me Zipriti, a pretinha que também as tinha). Lembro-me de ter muito medo quando vi o *Pinóquio* de Walt Disney (aquela pedra, ou seria âncora?, que o puxava para o fundo do mar era terrífica!), mas esperava ansiosamente aquele fim de tarde em que, todas as semanas, o meu pai chegava a casa com as revistas *Pato Donald*, *Zé Carioca* e *Mickey*, esta mais grossa e de capa brilhante. Por mão do meu pai entrava também em casa *O Primeiro de Janeiro*, que trazia banda desenhada: durante a semana, o interminável *Coração de Julieta*, e ao domingo, ah ao domingo!!, *O Príncipe Valente*, que maravilha, a princesa Aleta, e mais tarde as gémeas iguais à mãe, tudo no meio de cavalgadas e aventuras. Por cavalgadas, não esqueço, também em BD, Zorro e Tonto, nem Roy Rodgers e o seu cavalo Trigger, que o meu irmão tinha na colecção Mundo de Aventuras – que incluía o Major Cook e Alvega, ao serviço da RAF pelos céus da Europa da 2ª Guerra Mundial: ele usava aquele fantástico blusão de aviador, e gostava de sopa verde (coitados dos ingleses, que nem sabiam o que era caldo verde...). E, claro, Tintin (e Dupond & Dupont, o capitão Haddock, o Professor Tournesol, Milou – mais o inesquecível Sr. Oliveira de Figueira e a Castafiore), um pouco mais tarde *Astérix* (o primeiro, *Astérix le Gaulois*, foi presente de Natal), sempre em francês e ao ritmo da saída dos álbuns. Aprendi francês por causa de Tintin, antes de ser, também uma rapariga do liceu: os meus irmãos liam-me os álbuns só uma vez, traduzindo o texto; a partir daí, nas muitas releituras, eu tinha de me desvencilhar sozinha.

Assim fui crescendo entre livros de aventuras muitas, de abertura da imaginação que se adentrava pelo passado e configurava heróis solitários em defesa do bem, ou me falava de crianças outras com as quais se fazia identificação, coisas tão relevantes na formação mental dos mais pequenos à procura de saber quem são. Mais tarde ainda segui essa linha, lendo, na bela colecção da Romano Torres, os romances de aventuras de Walter Scott, *Ben-Hur* e *A túnica* de Lloyd Douglas, na Minerva (e os filmes que adaptaram estes livros!!, mais *Os dez mandamentos*, de Cecil B. de Mille, que eu na altura não sabia quem era). Nos tais três meses de verão, li depois toda a saga dos três mosqueteiros de Alexandre Dumas, e *A guerra e paz* de Tolstoi – nunca esquecerei o príncipe André no seu uniforme branco a entrar no baile, nem à espera que nascesse o primeiro filho, nem o seu amigo Pierre, tímido e solitário, apaixonados ambos por Natascha; e aqui hesito: lembro o livro, mas lembro também através do filme, Audrey Hepburn de pescoço tão alto sublinhado pela linha império dos vestidos, e Lesley Howard, um André perfeito, caracol na testa e tudo. Na adolescência, e durante os períodos lectivos passados no colégio interno, não se lia muito – por isso os Verões eram essenciais para devorar aqueles livros imensos, gravados na memória para sempre.

Tendo seguido um percurso profissional de ensino da Literatura Portuguesa, como se vê por esta lista mínima de leituras (que muitas outras houve), avalio hoje a leitura na infância como essencial ao que hoje sou. O gosto da narrativa e da história bem contada, criando a vontade de continuar a ler, a abertura para o sonho, a aventura e a condição do herói, criança ou adulto, quer aquele herói solitário e entregue a si mesmo, quer aquele

sem o qual o colectivo não existe (os três mosqueteiros, os cinco – cão incluído), quer o paladino do Bem e do Amor nas suas múltiplas formas, todos me ensinaram a desenvolver o imaginário, configurado pelas palavras, veículos de beleza e de magia. Só mais tarde eu viria a descobrir coisas semelhantes na poesia e noutras prosas, nomeadamente em português. Mas as leituras da infância estão aqui mesmo ao meu lado, fiéis companheiras de jornada – citando de novo o meu António Nobre, «tudo isso eu guardo, aqui ficou». Há outros mundos, mas este alicerce é sólido, e nunca lhe tocará a ruína. ■



Paula Morão (Coimbra, 1951) passou a infância na Covilhã. É Professora Catedrática da Faculdade de Letras de Lisboa. Desempenha actualmente funções de Directora da Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas (Ministério da Cultura).